



# As Várias Leituras em 1997

**A**o ser honrada com o prêmio Jabuti, "Amigos do Livro" e às vésperas de completar 30 anos a FNLIJ encerra o ano de 1997, sem poder dizer, ainda, que conseguiu a segurança financeira necessária para desenvolver seus objetivos institucionais. Ao mesmo tempo, não poderia deixar de constatar, com esperança, os inúmeros avanços, ocorridos neste ano, no campo da leitura.

Porém, a transformação necessária, quanto à oportunidade da leitura de qualidade para todas as crianças e jovens depende, de um lado, da própria sociedade que deverá considerá-la como necessária e exigí-la e, de outro lado, dos governantes e empresários comprometerem-se, de fato, em criar e manter as condições de acesso à variedade e à qualidade dos bens culturais para a maioria excluída desse convívio. A situação da FNLIJ reflete esse contexto de valores e relações de poder.

Vivemos em uma sociedade que nos leva a priorizar a rapidez, o prazer momentâneo, as aparências, os modelos, em detrimento de ações contínuas e permanentes, que tocam na essência dos problemas e que são as que criam as raízes e as bases necessárias para fazer emergir propostas originais e transformadoras das relações de dependência as quais estamos atrelados.

O resultado é que as ações culturais eventuais acontecem isoladas, apresentando-se, para governantes e empresários, como mais facilmente

apreciadas pela população, perdendo a potencialidade formadora de ações permanentes. Sem uma dimensão integrada, esta forma de agir leva a uma desarticulação entre os vários representantes das atividades culturais que se reflete, por exemplo, na busca em separado das verbas junto aos órgãos do governo e ao empresariado. Quando os intelectuais se reúnem para discutir a cultura não expressam uma preocupação em pensar numa proposta cultural e educacional articulada como um todo. O estranho é que a leitura, em seu sentido pleno, base de toda a formação desses intelectuais, nunca é lembrada, como atividade prioritária a ser oferecida também à população. Raramente, vemos um intelectual reivindicar a necessidade de bibliotecas públicas e de fortalecimento de uma rede nacional de livrarias como base para que a população tenha condições de desfrutar, criticamente, dos filmes, das exposições, dos espetáculos, dos programas de TV, dos noticiários, ou da informação, em qualquer nível.

Para conquistarmos uma educação para todos os brasileiros que leve à autonomia, à criação, à crítica é necessário formar crianças e jovens capazes de expressarem oralmente e através da escrita o que pensam, com clareza, e não só alfabetizá-los e treiná-los para desempenhos pontuais. Lamentamos, por isto, mais uma vez a ênfase dada ao livro didático em detrimento de um contato, pelo menos igual com a literatura, que é o que forma o leitor. A leitura literária ao ser considerada, na escola, como leitura

suplementar ou paradidática, reflete a visão equivocada dos educadores sobre a sua importância para um aprendizado de qualidade.

A escola para a maioria de nossa população infantil e juvenil, se a queremos democrática, deve oferecer aos seus alunos e professores, com o devido destaque e frequência, o contato com a leitura literária. Felizmente, como disse antes, o ano de 1997 nos apresentou muitas ações, com repercussões nacionais, na direção de uma valorização do livro e da leitura que, para criarem raízes, dependerão de uma ação política mais clara quanto ao comprometimento com a qualidade e a sua real democratização.

Começemos por citar a campanha "Quem Lê, Viaja", deflagrada pelo Ministério da Educação e Desporto - MED, com a participação do Ministério da Cultura - MINC e da Câmara Brasileira do Livro - CBL. Pela primeira vez o governo realizou uma campanha nacional em torno da leitura literária e a criação do Programa Nacional de Biblioteca Escolar. Também o MED lançou a campanha de livros de literatura para o Nordeste, com o apoio do Banco Mundial.

O "Paixão de Ler", assumido pelo Ministério da Cultura cresceu este ano para todas as capitais do país tendo, em São Paulo, na sua abertura, ocupado o lugar nobre do Teatro Municipal que reuniu 1.000 educadores - professores e bibliotecários.

continua na próxima página

Do MINC, a Secretaria de Política Cultural deu prosseguimento ao seu programa de instalação de bibliotecas em municípios onde não existem anunciando, para 1998, a instalação de “Uma Biblioteca por Dia”. Ainda, sobre bibliotecas escolares, a idéia do “Farol do Saber” do Paraná viu multiplicar-se no estado do Maranhão que mostrando que idéias boas devem ser copiadas. Nessa linha, o governador do Distrito Federal ampliou a idéia da Biblioteca Domiciliar, do governo anterior, para 500 “Malas de Leitura” junto às comunidades carentes de Brasília.

Especialmente montadas para professores das redes estaduais a novidade sobre essas feiras de livros veio de Minas, com apoio do Banco Mundial, seguido pelo governo do Paraná. O Estado do Rio de Janeiro, com verba própria, também fez a sua Feira.

O II Concurso “Os Melhores Programas de Leitura”, uma iniciativa da FNLIJ, teve a sua segunda versão realizada este ano, contando com a parceria do PROLER, o que permitiu torná-lo nacional, apresentando experiências que provam como a sociedade brasileira já vem se organizando e trabalhando de maneira a colocar a leitura como carro-chefe de suas ações educativas e culturais, precisando somente de reconhecimento, valorização e apoio, para se multiplicarem.

O PROLER, consolidando e ampliando inúmeras parcerias com governos, universidades e empresários, realizou 52 encontros de leitura, em 17 estados, além de ter distribuído 180 kits “Leia Professor, Leia” com materiais produzidos no mercado, voltados para subsidiar a formação leitora dos professores.

Por sua vez, as editoras L&PM e Ediouro, lançaram coleções de clássicos da literatura a preços populares viabilizando o seu acesso à população de baixa renda.

A realização do 11º Congresso de Leitura, em Campinas, reunindo mais de 2.000 profissionais em torno da leitura, veio confirmar a busca de melhoria da formação profissional através da leitura.

Nas televisões estatais continuaram a ser sucesso os programas sobre leitura. A TV Escola reprisou do programa “O Salto

para o Futuro”, da TVE, a série sobre “Literatura Infantil como Princípio Educativo” e a TV Cultura repassou para todo o Brasil a série de “Literatura Infantil” produzida pela MultiRio. O novo canal a cabo, TV Futura, vem dando ênfase à leitura em seus vários programas, como “Tirando de Letra” e “Nota Dez”.

A Associação Nacional de Jornais, além do encarte com um livro de literatura continuou produzindo, na comemoração do Dia da Imprensa, 10 de setembro, um encarte sobre a leitura para todos os grandes jornais do país.

No âmbito do Rio de Janeiro, o Jornal “O Dia” investindo em um programa de leitura “O Dia na Sala de Aula”, tornou-se parceiro da FNLIJ e da Empresa de Marketing Cultural num projeto de incentivo à leitura, “O Atelier do Artista”.

Nunca um ano reuniu tantas atividades para a população brasileira. Por isto, consideramos a ano de 1997 especial e diferente.

Diríamos, mesmo, um marco na área da democratização da leitura de qualidade e que esperamos, multipliquem-se e se aprimorem.

Neste final de ano em que os ventos asiáticos balançaram as finanças brasileiras e que fazem prever um início de ano difícil, a bandeira da qualidade deve ser a nossa resposta.

A enorme quantidade de títulos para crianças e jovens não vem sendo acompanhada proporcionalmente pela qualidade. Na ânsia de responder aos apelos da superficialidade, do que é rapidamente consumível, produz-se muito, confundindo-se qualquer narrativa com literatura. Está se colocando em risco a formação de nossos jovens, fortalecendo a sociedade das aparências e das sensações desprezando o investimento na essência, na reflexão que exige mais esforço. Nosso apelo é para que a quantidade reflita qualidade, característica que a produção brasileira já alcançou mas que ainda é minoria.

Vamos todos participar e nos envolver, com empenho, na continuidade e aprofundamento dos esforços que eclodiram, neste ano de 1997, quanto à leitura fazendo, de 1998 o ano da

consolidação das conquistas alcançadas e suas ampliações, com qualidade.

Para terminar queremos registrar nosso mais carinhoso e reconhecido agradecimento pelos vários apoios recebidos ao longo do ano, pelos esforços dos nossos colaboradores, em particular os votantes da seleção dos melhores da FNLIJ, os mantenedores, autores e ilustradores e toda a equipe da FNLIJ que, mais uma vez, continuou acreditando na sua importância. À Price Waterhouse, nosso muito obrigada, por garantir a edição deste informativo apoiando todas as nossas inovações em padrões de qualidade gráfica.

Um destaque para nossos representantes do Maranhão, Rosa Maria Ferreira e de Rondônia, Glória Valadares que em seus estados, como representantes da FNLIJ, assumiram a tarefa de organizar nos seus estados Encontros do PROLER.

Aos amigos sócios-contribuintes que acompanham, fielmente, a cada ano, o trabalho da FNLIJ, renovando suas assinaturas, queríamos prestar uma homenagem através da sócia Ligia Toledo, bibliotecária de Juiz de Fora. Ligia, ao nos receber em Juiz de Fora, emocionou-nos ao recuperar o editorial do “Notícias” de 1990, intitulado “90 o ano que não aconteceu”, lembrando o bilhete que enviamos em agradecimento ao apoio que ela, na ocasião, nos remeteu. Obrigada Ligia, são esses os retornos que nos fortalecem.

Ao viajarmos, este ano, pelo PROLER, pudemos observar o quanto a FNLIJ, através da ação e da liderança, de Laura Sandroni, semeou, pelo país, a importância de oferecer livros de qualidade para nossas crianças. Silenciosa, mas poderosa, pudemos ver a ação da FNLIJ presente em cada canto que fomos.

E nos sentimos orgulhosos com essa constatação agradecendo pela oportunidade de estarmos aqui fazendo parte da sua história.

Esperamos que todos esses amigos da FNLIJ, trabalhadores do livro e da leitura, que acreditam na sua importância para um país mais justo e capaz, apareçam para comemorar os 30 anos da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.

Obrigada.

# Projeto Ateliê do Artista

O projeto Ateliê do Artista é uma criação da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil e da EMC - Empresa de Marketing Cultural, viabilizado pela primeira vez em parceria com o jornal *O Dia*. Consiste na realização de encontros de crianças com vários escritores e ilustradores de livros infantis do Rio de Janeiro. É um projeto da maior importância, que une a Cultura e a Educação num mesmo evento.

O ambiente do projeto Ateliê do Artista já levava as crianças a entrarem no clima de um espaço de criação: escrivaninhas, pranchetas, minibiblioteca. Os escritores e ilustradores conversaram com os leitores, convidando-os a conhecer mais de perto o processo de criação de uma história e de uma ilustração. Todas as etapas eram apresentadas, desde como surgiu a idéia até a busca de uma editora.

Este primeiro projeto foi feito na quadra da Escola de Samba União da Ilha - um espaço importante da cultura carioca - com crianças da 1ª à 4ª séries de 30 escolas da rede municipal de ensino na Ilha do Governador.

Antes de cada encontro as crianças tiveram contato com a obra do artista nas salas de leitura, e assim elas ficaram familiarizadas com o estilo de cada um, propiciando uma conversa mais produtiva. As professoras também receberam biografias dos autores para, antes do encontro, haver um trabalho com as crianças sobre cada escritor e ilustrador. Foram mais de 3.500 crianças recebendo um livro cada uma e tendo contato com dois artistas durante os meses de novembro e dezembro.

Os artistas que participaram foram selecionados pela FNLIJ. Todos ficaram muito entusiasmados com o projeto, por estarem tendo contato tão provei-



toso com alunos da rede pública. Guto Lins, além de considerar esse encontro muito rico para as crianças, adorou a arrumação do ambiente com as almofadinhas no chão, propiciando um espaço bastante aconchegante. Anna Cláudia Ramos comentou: “O achado do Ateliê do Artista foi as crianças ganharem o livro de um escritor ou de um ilustrador. Valia a pena ver o a emoção dos meninos recebendo o livro autografado.” Participaram também do projeto Rogério Andrade Barbosa, Regina Yolanda, Daniela Chindler, Roger Mello, Mariana Massarani, Celso Sisto, Graça Lima, Roseana Murray, Elvira Vigna, Elizabeth Teixeira e Luciana Sandroni.

O diretor da EMC, Júlio Heilbron, considera que “neste momento os empresários estão começando a tomar consciência da sua responsabilidade social e cultural. O jornal *O Dia*, utilizando incentivos fiscais para levar escritores e artistas plásticos à escola pública, mostra como realmente tem uma diretoria moderna e consciente.” Magda de Almeida, do jornal *O Dia*, acredita que “o jornal está cumprindo sua função social. Só mesmo quem esteve lá e viu o brilho nos olhos de

cada criança pode entender. O projeto está permitindo que crianças carentes tenham acesso ao mundo mágico dos livros infantis. Vamos fazer tudo para o projeto continuar ano que vem.”

No final do projeto as crianças receberam convite para participar do Concurso Ateliê do Artista. Cada uma podia apresentar um desenho ou uma redação sobre a visita ao Ateliê. Os oito finalistas receberão, cada um, uma coleção de dez livros infantis e os professores das salas de leitura participantes receberam vales-livros no valor de R\$ 20,00 para cada um, por cada vez que comparecer ao Ateliê do Artista com um grupo de 30 alunos.

Um livro sobre o projeto Ateliê do Artista também está sendo elaborado. O livro terá declarações dos organizadores, dos artistas e principalmente a avaliação e os trabalhos que as crianças produziram nesses meses.

O projeto recebeu apoio da Lei de Incentivo à Cultura, do Ministério da Cultura.

# LECTOR

O jornal *Lector* está comemorando três anos de existência, e, como diria Dona Benta, é um verdadeiro fenômeno, em se tratando de um jornal sobre literatura no Brasil. Mas a continuidade do jornal se deve ao trabalho dedicado de Márcio Vassalo, editor, e também a uma oportunidade criada pelo mercado editorial, que vem se expandindo e não tinha um espaço para discuti-lo.

O *Lector* é um dos raros jornais literários que dá espaço constante para a literatura infantil e juvenil, e nesta entrevista com o editor e jornalista Márcio Vassalo ficamos sabendo mais sobre seu trabalho.

N - Você poderia falar um pouco sobre a história do *Lector*? Como foi o seu início e como ele vem se mantendo?

MV - A inquietude é a mola da alma. Foi assim que o *Lector* nasceu. De uma inquietação. Não me conformava com a ausência de um jornal dedicado a livros no Brasil. Que mostrasse todo o processo de criação, produção, circulação e divulgação do livro. Da mente do escritor à mesa do editor, chegando às prateleiras da livraria e, finalmente, às mãos do leitor. Então, há três anos, o *Lector* vem entrevistando autores e personalidades do mercado editorial. A receptividade sempre foi excelente. Em várias livrarias, onde o jornal circula, os gerentes nos contam que cada vez mais pessoas procuram pelo *Lector*. A maioria dos livreiros já se conscientizou de que os clientes recebem o jornal e, muitas vezes, voltam para comprar os livros que indicamos. Por isso, a distribuição do

*Lector* está ainda melhor.

N - Onde o *Lector* pode ser encontrado, e o que fazer para assiná-lo?

MV - O jornal circula gratuitamente em livrarias e centros culturais do Rio de Janeiro e de São Paulo. E também chega por assinatura a leitores de todo o Brasil e de outros países (o telefone da redação é (021) 287-1235). Desde o seu lançamento, oferecemos o *Lector* de presente às pessoas, para democratizar o acesso ao conhecimento e viabilizar o jornal comercialmente. Afinal, um jornal gratuito que divulga os principais lançamentos e estimula o prazer de ler deveria obter o investimento das principais editoras e livrarias nacionais. Mas não é o que acontece, com exceções. As editoras Record, Ática e Senac-SP investem ininterruptamente, anunciando os seus livros no *Lector*. Esse apoio é imprescindível para a existência do jornal. No entanto, o resto do mercado ainda não se conscientizou realmente da importância de nosso veículo para a venda de livros. Muitas editoras e livrarias eventualmente anunciam no *Lector*, mas não de uma forma regular. O mercado editorial está acostumado a ter divulgação gratuita do seu produto, com matérias, entrevistas e resenhas publicadas na imprensa. Isso fortaleceu, ao longo dos anos, a estagnação dos empresários do setor em relação a investimentos publicitários. O *Lector* oferece um amplo espaço de divulgação para as editoras. Mas o que a maioria dos editores não percebe é que, sem investimento, esse precioso espaço

gratuito, que eles já estão acostumados a ter, pode acabar. Desse modo, para que o jornal continue existindo e ponha em prática o seu plano de expansão, estamos buscando um patrocinador, não necessariamente ligado à área editorial. O investimento financeiro é em torno de R\$ 15 mil por mês, para viabilizar, durante um ano, a nossa tiragem de 15 mil exemplares. Ou seja, cada exemplar sai por um real. O público que frequenta livrarias e centros culturais é qualificado e tem bom poder aquisitivo. São pessoas que valorizam a informação e se preocupam com a educação da família e de si mesmas. Por isso, uma das opções é obtermos esse patrocínio de uma universidade ou escola particular. Recentemente, um grande curso de idiomas entrou em contato conosco e se interessou pela proposta. Mas ainda não nos deu resposta. Uma das metas de nosso plano de expansão é que o jornal também passe a circular em universidades, escolas e outras instituições de ensino. Além de oferecermos uma série de benefícios para a empresa que investir no jornal, está em fase de aprovação, no Ministério da Cultura, o nosso projeto para oferecer ao patrocinador do *Lector* descontos no imposto de renda.

N - Qual a importância de um jornal literário para o mercado editorial?

MV - Como já disse, o *Lector* vem fazendo o mercado girar, estimulando de forma concreta o consumo de livros. O jornal cativa os leitores já iniciados, que frequentam livrarias e procuram por novas informações, e

atrai cada vez mais um público que antes raramente se interessava pelo assunto. Nesse sentido, o *Lector* está atuando como um formador de leitores em potencial, que não liam por falta de estímulo e se afastavam dos livros, amedrontados por um eruditismo incompreensível e entediante.

N - O que você acha dos suplementos literários atuais?

MV - Os suplementos têm um público cativo que não deixa de comprá-los, nos dias em que são publicados, geralmente sábado ou domingo. No entanto, há muitas pessoas que gostam de livros e não lêem os suplementos, por não estarem envolvidas profissionalmente com o mercado, ou por não se identificarem com o tipo de linguagem utilizada. É preciso tocar o coração dos leitores. Mais importante do que publicar um artigo de duas páginas, que seis intelectuais vão ler, é provocar o encantamento nos leitores e estimular o prazer de ler. Precisamos mostrar ao grande público que quem lê não é necessariamente um extraterrestre. Quem lê come, dorme, viaja, namora, dança, faz esporte, vai à praia. Quem lê tem veias, dramas, medos, sonhos, conflitos. Quem lê tem coração.

N - É evidente o desprezo da mídia pela literatura infantil e juvenil, mas o *Lector*, ao contrário, dá muito espaço para ela. Essa atitude é consciente?

MV - Precisamos acabar com esta história de leitor do futuro. Quem lê o futuro é cartomante. As crianças têm que ler agora. Não com o objetivo

de um dia se tornarem grandes leitoras de obras adultas. Elas precisam ser estimuladas a ler livros que lhes dêem prazer hoje. Só assim, se apaixonarão pela leitura. O *Lector* já fez capas com Ruth Rocha, Ziraldo, Marina Colasanti, Marcos Rey, Sylvia Orthof. A próxima é com Ana Maria Machado. Também já entrevistamos José Paulo Paes, Eva Furnari, Mariana Massarani, Leo Cunha, Maria Lúcia Amaral. Sem contar com Fernando Sabino, Lygia Fagundes Telles, Néida Piñon, Manoel de Barros, João Ubaldo Ribeiro, Paulo Coelho, Antonio Skármeta, Zélia Gattai. E temos muita gente boa na pauta. Bartolomeu Campos Queiroz, por exemplo. Além disso, oferecemos dicas de livros infanto-juvenis e publicamos a coluna de Elizabeth Serra, secretária-geral da FNLJI. Por sua vez, as revistas semanais e os jornais diários menosprezam e ignoram a literatura infanto-juvenil brasileira. Talvez os editores de cultura e de suplementos achem que a literatura infantil brasileira ainda esteja limitada ao incomparável Monteiro Lobato. Realmente é difícil compreender esse descaio em relação ao gênero. Talvez eles também pensem que os seus filhos, aos oito ou dez anos, vão ler Proust, Balzac e Machado de Assis. Quem sabe até leiam? Mas, a partir dessas leituras, apenas os prodígios vão se apaixonar pelos livros. O jornalismo não pode trabalhar apenas com exceções. Isso não significa uma banalização da cobertura literária. Temos alguns dos escritores mais lidos e respeitados do mundo. Sem falar nos consagrados, que dificilmente conseguem uma

oportunidade para falar, temos novos autores publicando livros extraordinários. São pessoas conhecidas e admiradas em suas áreas, mas que não encontravam espaço para divulgar os seus trabalhos. Por exemplo, a jornalista Diléa Frate lançou *Histórias para acordar*, um livro de contos que dá vontade de pôr no colo. É maravilhoso. O *Lector* a entrevistou. Por sua vez, há uns dois anos, Oswaldo Montenegro publicou o livro *Vale Encantado*, outra preciosidade. Oswaldo também foi entrevistado pelo *Lector*. Na história, o Lobo Mau é jardineiro da Vovozinha, Branca de Neve é apaixonada pelo Dunga, e Robin Hood é um boêmio que toca, canta, mas não deixa de malhar. É isso aí. Quem lê também malha.

N - Alguma novidade em vista para 98?

MV - No momento, estamos fazendo palestras e divulgando o livro *Nos Bastidores do Mercado Editorial*, lançado pela Cejup. Esse livro tem um prefácio carinhosíssimo de Zuenir Ventura e traz uma seleção das entrevistas de maior repercussão publicadas no *Lector*. Esse contato com as pessoas é muito importante. Quando conseguirmos um patrocínio, vamos intensificar ainda mais a nossa presença na mídia, em eventos e encontros com o público, para divulgarmos a parceria. Em 98, esperamos já estar com um patrocinador e voltar a promover concursos literários. Temos grandes planos, mas precisamos de apoio. Quem investir no *Lector* não vai se arrepender.

# Balanço 1997

1997 foi um ano de muitas conquistas para a FNLIJ. Além de importantes parcerias que viabilizaram o trabalho de promoção da leitura, a FNLIJ recebeu o Prêmio Jabuti Amigo do Livro, como reconhecimento dos seus 29 anos de luta pela qualidade e pela democratização da leitura.

Eis aqui um balanço das conquistas da Fundação:

Como seção brasileira do IBBY, a FNLIJ divulgou o trabalho da instituição e participou nas seguintes atividades internacionais:

- Divulgação dos vencedores do Prêmio Hans Christian Andersen 1997 (considerado o "pequeno Nobel" da literatura infantil) - escritor e ilustrador.
- Indicação de Bartolomeu Campos Queirós e Helena Alexandrino para o prêmio Hans Christian Andersen/98 de texto e ilustração, respectivamente.
- Divulgação da mensagem do Dia Internacional do Livro Infantil.
- Divulgação do vencedor Prêmio IBBY - ASAHI (melhor programa de leitura).
- Participação na 34ª Feira de Bolonha (abril) em parceria com a Fundação Biblioteca Nacional/DNL, levando um catálogo de livros infantis brasileiros - Brazilian Book Magazine - feito com o apoio da Ediouro e recebendo autores, ilustradores e editores brasileiros.
- Participação da 2ª Reunião do IBBY Latino Americano - Bogotá/ Colômbia (setembro).
- Organização da inscrição dos ilustradores participantes da BIB'97, Bienal de Ilustração, em Bratislava, e indicação de Marilda Castanha para participar de um *workshop*.
- Participação no III Encuentro Iberoamericano de Literatura para Niños y Jóvenes, em Cuba (novembro).
- Organização, em conjunto com a Casa da Leitura, da palestra de Jean Perrot, professor de Literatura Comparada da Universidade Paris 13 e diretor do Instituto Internacional Charles Perrault.
- Organizou a vinda de uma representação da Mostra de Ilustradores Internacionais de Bolonha.

■ Das atividades no Brasil, ressaltamos:

- Conquista do prêmio Jabuti "Amigos do Livro" da Câmara Brasileira do Livro.
- o Convênio com a Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro.
- Seleção de livros, entrega dos "altamente recomendáveis" (maio) e entrega do Prêmio FNLIJ (agosto) na Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro. Criação do Acervo Básico - uma relação de livros para bibliotecas.
- Coordenação do I Seminário de Literatura para Crianças e Jovens no 11º COLE.
- Participação no Prêmio de Literatura Infantil Bloch Educação.
- Participação no PROLER como membro da Comissão Coordenadora do Programa.
- Promoção do II Concurso dos Melhores Programas de Incentivo à Leitura, em parceria com o PROLER.
- Participação na VIII Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro.
- Exposição das ilustrações apresentadas na Feira de Bolonha no Teatro Bloch. Foram 150 ilustrações de artistas de 24 países.
- Participação na consultoria de programas de incentivo à leitura e divulgação do livro no Canal Futura, nos programas: "Tirando de Letra" e "Nota Dez".
- Criação, organização e execução do Projeto Ateliê do Artista junto com a EMC - Empresa de Marketing Cultural, em parceria com o jornal O DIA.
- Seleção de livros de literatura infantil para a Feira Internacional de Paris, em 1998.
- Tratamento das informações sobre leitura e literatura infantil e atendimento a pesquisadores e sócios.
- Várias entrevistas concedidas a jornais, tv e rádio sobre LIJ e leitura.
- Participação na Semana da Cultura/MinC em São Paulo, 5/11/97.
- Lançamento no Notícias 11 do encarte "Suplemento" sobre LIJ e leitura.
- Seleção de acervo básico (120 títulos) para a Secretaria Estadual de Educação.

■ ATIVIDADES DA BIBLIOTECA INFANTIL MODELO:

□ 543 livros registrados e catalogados, ampliando o acervo □ 150 Empréstimos domiciliares por dia

Atividades desenvolvidas: Projeto Ziraldo (Exposição, levantamento bibliográfico, biografia e leitura de histórias) □ Monet: pesquisa, exposição de livros e biografia

□ Visita de turmas; leitura de histórias; dramatização (teatro de fantoches); orientação a pesquisas.

□ O Centro de Documentação e Pesquisa recebeu 850 títulos de livros das editoras, além de periódicos e documentos que foram tratados e resenhados, estando aberto para pesquisa.

Em 1981 a FNLIJ criou o Prêmio Luís Jardim para o melhor livro sem texto, com o objetivo de estimular a criação de livros que contassem histórias apenas através das imagens. De lá para cá muitos livros foram premiados e alguns ilustradores se detiveram na criação de livros sem texto, ampliando o acervo nacional para as crianças que ainda não lêem. Infelizmente, no ano passado, não tivemos nenhum livro premiado, considerando a criatividade e a linguagem artística como os aspectos norteadores para a seleção. Já para 1997, a categoria de livro sem texto está prometendo, uma vez que foram enviados bons livros à FNLIJ.

## **A pipa.**

Roger Mello. Editora Paulinas, 1997.

Este é um recente livro do premiado autor e ilustrador Roger Mello. A história, em imagens, traz como elementos explorados o confronto da criança com a brincadeira, a competição entre as pessoas e o poder dos mais fortes. Nota-se uma linguagem que dialoga com forças antagonicas, não um dualismo, mas a possibilidade de convivência desses pares contrários. Isto representa, para o leitor, o contato com os conflitos e ambigüidades presentes desde a infância. Os contrastes estão acentuados nas cores e nas formas dos desenhos. A pipa apresentada, no início da história, em dimensões grandes, ocupando a página inteira, vai diminuindo de tamanho ao encontrar outras pipas e, posteriormente, um estranho objeto - parecido com um foguete.

A pipa fica reduzida a um tamanho minúsculo, confrontando-se com um mundo de diferenças, de disputas e de poderes. Assinalamos a possibilidade de o leitor estabelecer ou não identificações com as imagens, onde o personagem principal descobre a existência de outras pipas, feitas de outros formatos, com outras "personalidades", algumas até agressivas.

Embora sem texto, a história faz analogia com o fio que desenrola e enrola, construindo o início, o meio e o fim da brincadeira. Tudo começa com um novelo escuro e uma suposta criança prestes a puxar o fio imaginário da ludicidade e termina com vários fios soltos pelo ar, a segurar pipas e fantasias de criança.

O enquadramento dos desenhos e a perspectiva são trabalhados com domínio da técnica em que o livro pode ser visto de frente, em diagonal, de lado, de cabeça para baixo, como uma pipa que gira, dá voltas e voa pela imaginação...

## **Coleção sonhar para acordar (Leonardo, Mateus e Noel)**

Histórias e desenhos de Nelson Cruz. Editora Paulinas, 1997.

Nelson Cruz, ilustrador já conhecido do público leitor de histórias para crianças, criou aqui uma coleção de três histórias sem texto. *Leonardo, Mateus e Noel* referem-se, respectivamente, ao artista italiano Leonardo da Vinci e a Mateus e Noé das histórias bíblicas.

Notamos uma profusão de imagens antigas, clássicas (nas construções e estátuas), com outras modernas e avançadas (arranha-céu, disco voador). Parecem imagens de sonhos que sintetizam lembranças passadas, fragmentos da atualidade e fantasias futuras, todas postas em um tempo ilógico, irracional - o tempo da subjetividade.

Em **Leonardo**, o autor/ilustrador investe em uma perspectiva arrojada e soberana - há bichos que descobrem e exploram uma estátua até que ela se desperta rodeada por construções medievais e renascentistas - como a Itália de Leonardo! Neste livro são explorados o ato criador e a arte. O leitor poderá percorrer com os olhos e a imaginação as cenas que mostram as situações de criação de desenhos.

Em **Mateus**, Nelson cria a história de um menino às voltas com muralhas e fortalezas - cenário aparentemente antigo - que o leva até um pátio de sucatas. Notam-se os contrastes moderno/antigo, realidade/fantasia, proporcionando à criança uma busca que retoma a idéia de aprisionamento. Aqui a curiosidade abre espaço para a criança entrar, sair, provar, subir, descer - ações que levam a um caminho sem fim.

Já em **Noel** Nelson trabalha com claro/escuro e retoma a história da Arca de Noé, com bichos de vários tamanhos e espécies. Há ainda um trabalho de movimento das imagens que se formam e se transformam, ao gosto da imaginação da criança. Uma tina com água pode ser um oceano, em dia de tempestade.

Ressaltamos a relação sonho/imagem que reproduz os desejos do homem - condensados em cenas e figuras - como na composição de um quadro de pintura ou na criação de uma história sem texto. Ampliando mais essa relação, acrescentamos a fantasia da criança, que transita no mesmo universo: o imaginário. E o que seria das crianças se não brincassem e fantasiassem? Afinal, é a fantasia que alimenta as paixões, que sustenta o mundo de regras dos adultos. Os livros deste autor iniciante estão repletos dessa fantasia que ilumina a realidade para as crianças.

# DE OLHO NA ILUSTRAÇÃO

A ilustradora Mariza Mokarsel está desenvolvendo pesquisa sobre a ilustração de livros infantis brasileiros no seu mestrado de História e Crítica da Arte, da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mariza está morando no Pará e sempre quando vem ao Rio faz pesquisas na FNLIJ. Nós aproveitamos para pedir-lhe que falasse um pouco sobre seu trabalho ao *Notícias*:

“No meu trabalho procuro deter-me, principalmente, em uma das especificidades da ilustração: a narratividade dentro da narrativa imagética. Centralizo-me em dois eixos, um que diz respeito à estética e outro que se refere à inteligibilidade, à semântica.

Interessa-me o campo gráfico, como este campo é construído contando uma história. Meu objeto é a obra, o livro. Nele me detenho como um todo. Verifico a interrelação texto-imagem, mas detenho-me mais precisamente na ilustração, no espaço ocupado pelos elementos plásticos, pelos códigos visuais. Preocupa-me a distribuição das figuras na página do livro, a estética adotada para narrar. Procuro saber como esta estética se fundamenta na história da arte, busca recurso nas artes

gráficas, no cinema, nos quadrinhos. Tento averiguar como a ilustração, compondo uma obra mista, (texto/imagem) constrói uma linguagem própria.

Para levantar estas questões estou procurando trabalhar com livros com pouco ou sem texto. Mas como trata-se de um campo de observação muito vasto, estudo as ilustrações de Rui de Oliveira, um dos construtores da história da ilustração no Brasil. Esta escolha foi baseada na qualidade de seu trabalho, na continuidade de mais de vinte anos na arte de ilustrar e por sua ilustração propor soluções visuais diferenciadas, de acordo com o texto ilustrado. Esta situação, em particular, possibilita múltiplos olhares, a observação de vários tratamentos gráficos. Logo, há um rico material para se perceber a narrativa proposta pela ilustração.

Mesmo tendo o trabalho de Rui de Oliveira como fonte de observação, detenho-me na ilustração de outros artistas. Dependendo do que está sendo questionado, observado, também são vistas as ilustrações de outros ilustradores que contribuem para a história brasileira de livros infantis.”

## LIVRO INFANTIL NA LISTA DE MAIS VENDIDOS

É interessante notar que na lista dos mais vendidos entre os livros de ficção (não especialmente para crianças), no *Idéias do Jornal do Brasil* e no *Prosa e Verso* do jornal *O Globo*, três livros infanto-juvenis vêm aparecendo há meses. São eles: *O mundo de Sofia*, de Josten Gaarder, da Cia. das Letras; *O homem que calculava*, de Malba Tahan, da Record e, recentemente, *O livro das virtudes para crianças*, de William J. Bennett, da Nova Fronteira.

### MANTENEDORES DA FNLIJ

Agir, Ao Livro Técnico, Ática, Atual, Augustus, Berleandis & Vertecchia, BCD União de Editoras, Bloch, Callis, CBL, Cia. das Letrinhas, Círculo do Livro, Cejup, Clínica Ênio Serra, Compor, Dimensão, Ediouro, Editora do Brasil, Editora Globo, Editora 34, Exped, Formato, FTD, Global, José Olympio, Lê, Makron Books, Martins Fontes, Melhoramentos, Miguilim, Moderna, Nestlé, Nova Fronteira, Paulinas, Price Waterhouse, Projeto, Record, RHJ, Salamandra, Saraiva, Scipione, SNEL, Villa Rica.

### EXPEDIENTE

Fotolito e Impressão: Price Waterhouse • Responsável: Elizabeth D'Angelo Serra • Redação: Luciana Sandroni • Revisão: Laura Sandroni • Diagramação: Christiane Mello Conselho Curador: Alfredo Weiszflog, Gisela Bluhm, Ferdinando Bastos de Souza, José Bantim, M<sup>a</sup> Antonieta Antunes Cunha, Sérgio Abreu da C. Machado Conselho Diretor: Propício Machado Alves (Presidente), Laura Sandroni, Ricardo Augusto Pamplona Vaz Conselho Fiscal: Paulo Adolfo Aizen, Henrique Luz, Terezinha Saraiva, Márcio Tavares do Amaral, Maria do Carmo Marques Pinheiro. Conselho Consultivo: Ana Lygia Medeiros, Antonio Carlos Gomes da Costa, Ezequiel Theodoro da Silva, Celina D. da Fonseca Rondon, Edmir Perrotti, Eliana Yunes, Geraldo J. Pereira, José Mindlin, José Raymundo Martins Romeo, Lúcia Jurema Figuerôa, Maria Alice Barroso, Maura Ribeiro Sardinha, Paulo Manoel Protásio, Paulo Rocco, Regina Yolanda, Victor Mussumeci, Wladimir Murinho. Secretária Geral: Elizabeth D'Angelo Serra.

Associe-se à FNLIJ e receba mensalmente *Notícias*.  
Tel.: (021) 262-9130

Apoio:

Price Waterhouse



Rua da Imprensa, 16 - 12º andar Cep: 20030-120 Rio de Janeiro - Brasil telefone (021) 262 9130 fax (021) 240 6649